

## NOVOS PROBLEMAS E VELHAS FRAGILIDADES: A EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR EM PSICOLOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID -19

*Fabiola Colombani\**

### RESUMO

Com a extrema necessidade de isolamento social pela pandemia de covid-19, o ensino superior precisou reformular as aulas presenciais. A educação passou por diversas adaptações e, como consequência, os professores tiveram que adotar como medida emergencial novos métodos tecnológicos para o formato remoto. Assim, este artigo tem como objetivo apontar e discutir algumas experiências que nasceram de estratégias planejadas com o intuito de abrandar o impacto negativo causado pelo cenário pandêmico. Para tanto, foram utilizados como objeto de análise alguns relatos detalhados acerca das práticas de ensino e aprendizagem vivenciadas ao longo dos meses e que retratam as sensações e sentimentos dos docentes diante de algo até então inusitado. Cabe dizer que este trabalho aponta os desafios vividos por professores nativos do ensino presencial, com pouco ou nenhum conhecimento em educação a distância, e que desenvolveram as ações educacionais estabelecidas por diferentes instituições.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Pandemia. Ensino remoto. Prática docente.

*NEW PROBLEMS AND OLD WEAKNESSES: THE TEACHING EXPERIENCE IN  
HIGHER EDUCATION IN PSYCHOLOGY IN TIMES OF THE COVID PANDEMIC -19*

### ABSTRACT

*The higher education had to reformulate presential classes, due to the Covid-19 pandemic and its social isolation demand. Education passed through so many adaptations, creating as a consequence an emergencial measure: teachers having to adopt new technological methods to the remote classes. Thus, this article has the objective to appoint and discuss some experiences which were born from planned*

\* Pós-doutorado em Psicologia e Desenvolvimento Humano pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Doutorado em Educação pela UNESP. Mestrado em Psicologia pela UNESP. Psicóloga pela UNESP. Professora Assistente do Curso de Psicologia e Coordenadora da Clínica de Psicologia da Universidade de Marília (UNIMAR). ORCID: 0000-0003-3659-3189. Correio eletrônico: [fabiolacolombani@unimar.br](mailto:fabiolacolombani@unimar.br)

*strategies that aims to reduce the negative impact caused by the pandemic scenery. For this purpose, it was used as analysis object some detailed reports about the acts of teaching and learning experienced over the months, which portray teacher`s feelings and sensations in front of something unusual until then. It is worth mentioning that this work points out the challenges experienced by teachers that came from presential education, with a few or none knowledge in distant education, which had developed educational actions stablished by different institutions.*

**Keywords:** *Higher Education. Pandemic. Remote teaching. Teaching practice.*

NUEVOS PROBLEMAS Y ANTIGUAS DEBILIDADES:  
LA EXPERIENCIA DOCENTE EN EDUCACIÓN SUPERIOR  
EN PSICOLOGÍA EN TIEMPOS DE PANDEMIA COVID -19

**RESUMEN**

*Con la extrema necesidad de aislamiento social debido a la pandemia de Covid-19, la educación superior necesitaba reformular las clases en el aula. La educación pasó por varias adaptaciones y como consecuencia, los docentes tuvieron que adoptar como medida de emergencia nuevos métodos tecnológicos para el formato remoto. Así, este artículo tiene como objetivo señalar y discutir algunas experiencias que surgieron de las estrategias planificadas con el fin de mitigar el impacto negativo provocado por el escenario pandémico. Para eso, se utilizaron como objeto de análisis algunos informes detallados sobre las prácticas de enseñanza y aprendizaje vividas a lo largo de los meses, que retratan las sensaciones y sentimientos de los docentes ante algo hasta ahora insólito. Cabe decir que este trabajo señala los desafíos que experimentan los docentes nativos de la educación presencial, con pocos o ninguno conocimientos en educación a distancia y que desarrollaron acciones educativas establecidas por diferentes instituciones.*

**Palabras clave:** *Educación superior. Pandemia. Enseñanza remota. Práctica docente.*

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2019, após um surto de pneumonia na cidade de Wuhan, na China, foi identificado um novo coronavírus (nCov), denominado coronavírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2) e declarado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma doença de risco, pois a sua rápida propagação poderia gerar uma pandemia (TEIXEIRA; CARVALHO, 2020). Os noticiários, em sua grande maioria, reportavam o surto como algo distante e localizado apenas no leste da Ásia. A mídia era tomada naquele momento por especulações, boatos e relatos sobre as possíveis causas do vírus. O que se sabia naquele momento era incipiente para que medidas preventivas pudessem ser adotadas, e, neste sentido, nenhuma informação foi capaz de apresentar ações que “tirassem” os países da rota de uma

doença rara que poderia ser propagada facilmente. Quem imaginaria que este novo vírus seria tão letal? Negligência ou desconhecimento? As barreiras culturais e territoriais se romperam, e o mundo todo voltou-se para os efeitos deste novo vírus.

No início de 2020, os registros das agências de regulação dos países europeus demonstraram os casos se multiplicando rapidamente, e a mortalidade alcançou proporções jamais esperadas - e o que antes parecia distante passou a se tornar realidade. O primeiro brasileiro contaminado foi diagnosticado com COVID-19 (SARS-CoV-2) no final do mês de fevereiro. Após o evento, o número de notificações cresce de maneira alarmante, e o Brasil passa a vivenciar cotidianamente os efeitos devastadores deste novo quadro de crise sanitária.

Frente a isso, no dia 16 de março, os governos municipais e estaduais decidiram paralisar as atividades com o intuito de dispersar os espaços que promoviam aglomeração, isto é, quaisquer atividades em instituições públicas e privadas estavam suspensas, inclusive, as educacionais em todos os níveis de ensino. Impossível não recordar a insegurança e o medo que esta nova situação causou em todos. Os efeitos desta circunstância e os impactos na saúde mental da comunidade acadêmica podem ser sentidos ainda hoje, e, como em cenários de guerra, as marcas da pandemia perdurarão por muitos anos. Não era e não é apenas o medo da contaminação e da experiência devastadora de conviver com o risco iminente de morte causado por alguém que poderia estar contaminado, mas também a necessidade de tomar decisões que impactavam diretamente a vida de milhares de pessoas sem que houvesse nenhum planejamento prévio ou algum tipo de medida para reduzir os danos causados, tanto pelas condições biológicas e epidemiológicas, quanto pela dimensão do estado de crise e pânico que uma condição de emergência e desastre são capazes de gerar na saúde psicológica dos sujeitos.

Este trabalho tem como objetivo apresentar os relatos acerca das práticas de ensino e aprendizagem no contexto da pandemia do novo coronavírus a partir da necessidade da criação de ações emergenciais para a Educação Superior no Brasil em 2020. Portanto, as análises apresentadas buscam refletir sobre as práticas e experiências vividas desde o início da pandemia, não com o intuito de romantizar as incertezas e o sofrimento, mas sim de trazer para a discussão os impactos de uma situação de crise humanitária para a sociedade brasileira, bem como a ressignificação da educação e o profundo aprendizado que todos os atores tiveram e estão experienciando neste contexto. Trata-se de apresentar reflexões que possam suscitar debates acerca das possibilidades de avançarmos na efetivação de propostas no campo da educação no espaço da Universidade que não se limitem a garantir única e exclusivamente o acesso à informação, mas que possam ampliar as discussões que estejam voltadas a qualificar as ações formativas na educação, de forma que os saberes e as práticas produzidas no ambiente acadêmico possam contribuir com a construção de um projeto societário mais justo e igualitário.

## 2 RECURSOS PARA O ENSINO DA PSICOLOGIA E A CONSTITUIÇÃO DO CUIDADO DE SI

No momento em que todos ainda buscavam compreender o que de fato o vírus poderia causar na saúde da população, assim como quais as medidas de prevenção mais adequadas deveriam ser adotadas, professores foram desafiados a se

reinventarem com técnicas que até então eram pouco conhecidas no cotidiano da sala de aula. Acompanhamos inúmeras ações que almejavam, dentre outras questões, reduzir os danos nas atividades pedagógicas previamente planejadas. Algumas Instituições de Ensino Superior (IES) desenvolveram, em conjunto, com seus professores, material específico, como vídeos gravados em estúdio, apostilas e interação com os alunos por meio de plataformas digitais. Outras instituições de ensino optaram por mais tempo com os alunos, e as aulas passaram a acontecer a partir do uso de tecnologias, seguindo o modo convencional que até então era o que sustentava o fazer no ensino, e não se distanciar desse modelo era o que contribuía para que a essência das aulas presenciais fosse preservada. Mais do que isso, o lugar comum que produziu historicamente nossa especificidade e singularidade na condução das propostas educativas pôde produzir, em grande parte dos casos, a possibilidade de calma e de conforto em tempos em que o estado de insegurança e instabilidade predominavam.

Notamos que, no ensino superior, a utilização de ferramentas tecnológicas foi mais bem utilizada pelas instituições que já apresentavam, na perspectiva político-pedagógica e também nas matrizes curriculares, a oferta de disciplinas que contemplavam o uso de estratégias de ensino que não estivessem condicionadas à presencialidade na instituição para que o processo formativo acontecesse. Ou seja, os cursos que já haviam desenvolvido e avançado na execução de práticas pedagógicas voltadas para a modalidade de Educação a distância (EAD). Já as escolas de educação básica não contavam com recursos tecnológicos, o que dificultou ainda mais o processo de ensino e aprendizagem.

Esse novo modelo de escola e de Universidade que nos obrigou a rever e avaliar o conjunto de ações no contexto do magistério transformou significativamente o âmbito educacional e exigiu, sobremaneira, formas mais criativas de ensinar por meio das plataformas digitais que já existiam, assim como as que foram surgindo ao longo dos meses. No entanto, a necessidade dessa virtualização das aulas que até então eram presenciais encontrou dificuldades, pois a nova dinâmica exigia habilidades e manejo que anteriormente não estavam presentes na rotina acadêmica. O fazer que estava sendo construído e proposto em caráter emergencial trazia consigo os reflexos da escassez de debates públicos que estivessem preocupados com as condições político-pedagógicas e humanitárias para uma formação eticamente comprometida com a cidadania e, igualmente, atenta às especificidades na transmissão e construção do conhecimento no ambiente virtual.

O modo como esse debate se produzia precisou avançar rapidamente em um curto período de tempo. De imediato, sinalizava fragilidades a serem corrigidas, mas a situação exigiu dos atores envolvidos no processo respostas que não poderiam esperar pelas adaptações que qualquer nova proposta exige. Desempenhar o papel de professor e de aluno em um contexto de crise causou tensões. Havia muitas preocupações com este novo cenário, sobretudo para que os prejuízos da paralisação não se intensificassem.

Para tanto, gestores, professores e alunos necessitaram se posicionar para encontrar o modo mais adequado de produzir conhecimento. Esse modo digital que buscou não colocar em risco a saúde física da comunidade acadêmica não foi aceito com tranquilidade por todos. A internet, como forma de acesso democrá-

tico ao conhecimento, foi o que possibilitou a produção de práticas voltadas a reduzir os riscos que uma interrupção abrupta das aulas poderia provocar.

Há que se pensar que, por mais democrático que a internet possa ser, a migração da modalidade de ensino gerou desigualdades e causou descontentamentos, visto que as pessoas tiveram que se organizar diante do desconhecido muitas vezes e não tiveram a oportunidade de potencializar suas habilidades pessoais ou mesmo não dispunham dos recursos materiais necessários ao processo. Inevitável que situações assim possam gerar um estado de crise, de insatisfação e de medo. Negar essa dimensão seria, no mínimo, ingênuo.

Entretanto somos levados a crer que, tomadas as devidas proporções que a construção do novo pode causar, não podemos tomar por base, por exemplo, a realidade do Sul e do Sudeste do Brasil em relação ao acesso à internet, pois até nessas regiões existem índices elevados de vulnerabilidade social e condições socioeconômicas desiguais. A dificuldade do acesso evidenciou, mais uma vez, o que os estudiosos da educação sinalizaram ao longo das décadas em nosso país. Isto é, a desigualdade social enquanto condição histórica que produz efeitos diretos na forma como os sujeitos irão acessar direitos sociais.

A perpetuação de diferentes e diversas formas de violência que a falta de acesso a bens e serviços evidencia está relacionada, dentre outras questões, à naturalização da sociabilidade capitalista que mantém as formas de exploração da força de trabalho da classe trabalhadora assalariada e da não assalariada que se encontram em situação de pobreza (MARX, 1983).

Porém, foi e está sendo nas comunidades menos favorecidas, e que já enfrentavam escassez de políticas públicas de inclusão, que a situação gerou mais exclusão e ressaltou os efeitos negativos que muitas vezes ficavam latentes. Em um país que romantiza o fato de o aluno ter que subir em árvore para se conectar à internet ou procurar um estabelecimento com conexão aberta para poder estudar, percebe-se que educação não é prioridade e muito menos que ocorre inclusão digital. Muito mais do que uma crise sanitária ou dificuldade em proporcionar o estudo, é o abandono do Estado diante das mazelas sociais o que mais fere. A sociedade civil teve que buscar soluções, mas muitas vezes o impedimento maior era a distância que se tinha ao acesso. A resiliência e a potencialização do desejo em educar fizeram com que professores de todas as camadas ressignificassem suas competências para atender à necessidade de uma gestão formativa no processo de ensinar e aprender.

Além dos deveres enfrentados em um novo formato de escola, concomitantemente o professor adentrou na intimidade dos alunos: conheceu pais, cônjuges e filhos. Participou do sofrimento de muitos colegas e alunos que se contaminaram, ou até mesmo se enlutaram ao longo dos meses, perdendo com isso a motivação e o interesse em aprender. Os que se mantiveram estáveis não puderam desfrutar de momentos de tranquilidade em meio a tudo isso, uma vez que todos comungavam da mesma situação, a não ser aqueles que, alienados de toda essa catástrofe, negavam a ação e até mesmo a existência do vírus.

Por conseguinte, até agora o ensino virtual tem implementado, de forma intensa, uma sucessão de estratégias e metodologias de ensino para suprir o confinamento e o efeito desse distanciamento do ambiente escolar. Como dizer que todas essas implicações não geraram muito conhecimento e aprendizagem?

É possível analisar o quanto o uso das TICs influenciou até mesmo a própria produção de subjetividade que a mediação da cultura possibilita, uma vez que o sucesso ou fracasso fez repensar a relação do indivíduo com a escola em todos os níveis.

A subjetividade, como ethos, será então o espaço/moradia onde se organizam as nossas experiências existenciais, será o território no qual nos situamos, para podermos estabelecer relações com os outros, e para atribuir significado às experiências vividas. Sob nosso ponto de vista, esse significado se constitui junto com a própria produção da experiência cotidiana. A subjetividade se engendra no social e, o tempo todo, mantém com ele relações recíprocas de mútua constituição. (ARAÚJO, 2002, p. 2).

Assim, a relação com o entorno e com as pessoas desencadeou novos significados e produziu novas exigências a mando de um vírus desconhecido e que democratizou uma doença letal. Ao meio de todas as angústias acadêmicas que sempre existiram, surgiu a necessidade de um cuidado de si e do outro que, desde o início, gerou também alguns conflitos. Nesse sentido, o cuidado de si traz essa dimensão ética que pode ser entendida também como o cuidado do outro, uma vez que o cuidado de si implica uma relação com o outro (SANTOS, 2020). Contudo, “[...] não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 271).

Há aqueles que não “abriram mão” do ensino presencial, e outros que se recusaram a sair de casa. Essa ambiguidade fez emergir conflitos nas opiniões, mesmo porque é inevitável que a academia receba influência dos diversos modos de viver, e, além disso, sabe-se que existiu desde o início, e até hoje fica evidente, a influência política que o enfrentamento ao vírus sofreu, o que confundiu ainda mais a população, pois líderes governamentais defendiam posições diferentes, muitos até negavam a doença e sua gravidade. Tal ambiguidade influenciou inclusive a forma como o ensino público e o privado divergiram quanto ao seu funcionamento, do Ensino Básico à Pós-graduação.

Dessa forma, o poder tomou posse da vida, influenciando decisões de quando estudar, trabalhar, sair de casa, confraternizar ou até mesmo como pensar a escolha do medicamento para o tratamento da COVID-19 e até a escolha da vacina, algo que até então se restringia à opinião médica científica. Isso deu origem a uma preocupação com o controle dos processos biológicos da vida, no mecanismo de fazer viver ou deixar morrer. Em posse do corpo biológico, o poder público passou a decidir por todos, inclusive sobre o combate à pandemia, considerando a opinião pessoal e não científica. Segundo Santos (2020), no poder soberano, o que reativava o poder era o mecanismo de fazer morrer e deixar viver, uma ação ordenadora sem corpo. No poder disciplinar, por sua vez, o controle era centrado no corpo. O que surge, agora, no que chamamos de biopoder, é uma ação reguladora da vida, de corpos em massa, um poder que intervém em como a vida deve funcionar. A biopolítica nasce desse mecanismo de ação e intervenção do biopoder, como forma de estatização do biológico, produzindo efeitos em massa (FOUCAULT, 2005). O cuidado de si inclui uma dimensão política e ética,

na medida em que nossas escolhas/attitudes interferem no meio em que vivemos (FOUCAULT, 2004).

Os cursos de graduação têm sempre suas particularidades e especificidades, e em se tratando da Psicologia, que é atravessada pela área da saúde, existe uma necessidade que o próprio curso impõe de aproximação, colocações discursivas e escuta; essa talvez tenha sido a maior queixa dos discentes, um pesar pela distância involuntária que a pandemia causou, além do medo da exposição a uma doença que pode ser letal - principalmente nos estágios clínicos.

### **3 RECURSOS PARA O ENSINO DE PSICOLOGIA E OS DESAFIOS PARA GARANTIR A QUALIDADE DA FORMAÇÃO: PRESENCIAL OU ON-LINE?**

Pensar o ensino e a formação profissional são tarefas complexas e que exigem dos profissionais da Educação diferentes habilidades para se produzir a transmissão do conhecimento coletivo com qualidade, particularmente, enquanto chance de (re)conhecer novas possibilidades de ser e estar no mundo. Este trabalho, que exige dedicação, conhecimento e abertura ao novo, foi colocado à prova em uma situação de tragédia e de danos irreparáveis para a história da humanidade. Em outras palavras, fomos desafiados pela pandemia do medo e do horror a nos mantermos vivos, pois, de maneira dolorosa, estamos vivendo um dos maiores atentados à manifestação da vida humana na Terra.

Neste cenário desgastante de muita tristeza e angústia, nós, professoras e professores, por mais “ultrapassados” que alguns possam nos julgar, ou até mesmo “doutrinadores” demais como pejorativa e equivocadamente somos julgados, nunca fugimos do desafio de enfrentar um contexto tão aterrorizador como foi o início da pandemia em 2020 e que, infelizmente, está distante de acabar em 2021. Como tantos outros profissionais que se dedicaram a resistir à morte e a produzir a vida, buscamos não parar de produzir o que de melhor podemos oferecer à humanidade: o conhecimento!

Pensando nisso, apresentaremos trechos de relatos de experiências vividas pelos professores que se encontraram na escrita deste trabalho, bem como as vozes, os pensamentos e os sentimentos que estão sendo compartilhados por nós neste momento, mas que ecoam, sem dúvida alguma, as vozes dos colegas que compartilharam das mesmas experiências e angústias nestes últimos meses. Destacamos que estes breves relatos buscam, principalmente, trazer para o centro das discussões, análises que possam contribuir para a consolidação de debates públicos voltados a qualificar o modelo de educação que estamos sendo convidados a refletir sobre neste momento de pandemia.

#### **3.1 Relato 1**

Medo! Sem dúvida esta foi a expressão que melhor define o início da pandemia, momento em que as atividades presenciais na Educação foram interrompidas, e a rotina de todos foi colocada em modo de espera. A sensação naqueles momentos iniciais era que um filme de ficção científica invadia sem querer o cotidiano na televisão, e acabamos adormecendo porque o filme era difícil de engolir, mas, surpreendente, quando acordamos o filme continuava passando e,

quando tentávamos desligar a televisão, o controle remoto estava quebrado. Insistentes e desesperados, corríamos para puxar o fio da tomada. Sem sucesso. Fomos nos deparando rapidamente com a realidade que já não podíamos mais desligar e que, principalmente, aquelas cenas de pânico nos colocavam como atores principais de um roteiro de mal gosto improvisado que nos tirou a curiosidade e a expectativa de querer saber o que vem nos próximos capítulos. Nós não queríamos estas cenas não planejadas. Não queríamos esta novidade. As próximas horas ou o próximo dia assistindo a este filme que insistia em passar se tornou algo desesperador. Nem o profeta apocalíptico mais desanimador poderia imaginar o que estávamos vivendo. O sentimento de angústia, incerteza, medo e preocupação tomavam conta de todos no espaço da Universidade. Em pouco tempo, além de decidir quais medidas eram mais adequadas para que pudéssemos nos manter vivos, deparamo-nos com uma questão que parecia insistir em ser respondida: paramos porque estamos com medo e precisamos nos cuidar ou continuamos, mesmo que *on-line*, para que não tenhamos tanto medo do que não sabemos o que está por vir?

### 3.2 Relato 2

O bimestre havia começado havia pouco tempo, mas preparamos toda a estrutura das disciplinas para acontecer presencialmente, embora acompanhamos em nossa Universidade que as aulas virtuais se tornaram uma realidade cada vez mais presente e, principalmente, reconhecida pelo MEC para compor uma porcentagem importante do curso, nossas ações formativas neste campo *on-line* ainda são muito limitadas. Lembro do dia em que a coordenação do Curso nos disse: instalem o *Teams* e ajudem os alunos. Eles não sabem entrar na plataforma e muitos não possuem *e-mail*. Temos que tentar pensar em estratégias para que façam esse cadastro pelo celular, pois é o que eles possuem. Discutíamos entre nós, sempre que surgia a oportunidade, sobre como muitas instituições de ensino privadas já adotavam disciplinas em EAD como parte do currículo. Contudo, estávamos com medo e receio de realizar uma ação de migração de práticas de ensino presencial para o digital sem que houvesse um planejamento capaz de considerar que a nossa realidade social - o Brasil como ele é - também se produz de forma desigual no acesso à internet. Isso é uma loucura. Fico pensando e tenho compartilhado com meus colegas: isso pode ser um caminho sem volta para a reafirmação da precarização do Ensino Superior no Brasil por parte do Estado e conseqüentemente do trabalho docente. Sinto que nós, as professoras e professores, estamos também despreparadas(os) para acessar e produzir de forma qualitativa uma proposta de ensino digital, híbrido ou EaD. Chamem como preferirem, mesmo sabendo que há diferenças que não consigo e não quero pensar agora, continuo refletindo sobre essa questão. Porém, muitos falam que metodologicamente elas e eles - alunas(os) - estão preparados para o digital, pois vivem com o celular na mão. Mais do que isso, nós, as educadoras(es), também “estamos”, porque, se não tivermos, o mercado selecionará os melhores, e nós, “dinossauros digitais”, ficaremos para trás. Além disso, as questões nos atormentavam a cada reunião: o medo nos paralisa e não vamos reagir ao cenário de crise? Vamos seguir aos trancos e barrancos para que não possamos pensar



muito sobre? Os dias foram passando e os casos surgindo em meio a uma paralisação que a princípio parecia ter tempo determinado, um período curto, uma “quarentena”, e que depois deu lugar a mais dúvidas, em que a única certeza que havia era que os encontros das aulas presenciais deveriam ser realmente suspensos por tempo indeterminado. Não sabíamos muito para quem recorrer e o que fazer. Mas seguimos!

### 3.3 Relato 3

No ano de 2020, após a Resolução do MEC, as IES em que lecionava encontravam-se em um dilema: as aulas seriam suspensas ou realizadas remotamente? Após reuniões e criação de novos departamentos específicos para acompanhamento dos docentes e discentes no desafio das aulas remotas, adotou-se o uso do *Moodle* e do *WhatsApp* como meios de comunicação entre essa diáde. Surgiram mais dúvidas: como lecionar matérias especificamente práticas de forma remota? Disciplinas como Técnica de Exame Psicológico 1 e 2 e Análise Experimental do Comportamento? Os alunos precisam manipular os testes, precisam aplicar, corrigir, além de ensinar o rato virtual a pressionar a barra, no laboratório da instituição. Outros desafios, como o acompanhamento da aprendizagem à distância, pois, para desenvolver repertórios comportamentais de determinadas competências (como, por exemplo, ensinar o comportamento de pressão à barra a um rato virtual), é necessário estabelecer uma série de passos de ensino, modificando o ambiente para que este comportamento ocorra. Acredito e compartilho com colegas que o reforço deve estar presente, seja verbalmente, seja socialmente, seja com o aluno em contato com o produto de seu trabalho (SKINNER, 1972). O fazer educação ultrapassa as barreiras do visível, e a necessidade de reforçarmos, inclusive a relação social, é o que talvez nos leve a produzir novas e mais adequadas práticas de ensino e aprendizagem.

Após tal fato, o MEC homologou a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) possibilitando que as escolas públicas e particulares pudessem oferecer o ensino remoto enquanto durasse a pandemia (CAFARDO, 2021). Desta forma, os docentes e discentes viram-se em uma nova realidade: as aulas precisavam continuar e seriam realizadas à distância, visto que se preconizava a necessidade do distanciamento social.

Essas incertezas surgiram junto com outras dúvidas e diversos desafios que tomaram as IES que se viram obrigadas a repensar suas atividades educacionais e a relação destas com as diversas tecnologias e estratégias de ensino com o intuito de suspender atividades presenciais, readaptar demandas educacionais à distância, de forma massiva e efetiva (CASTIONI; MELO; NASCIMENTO; RAMOS, 2021). Os docentes, então, haveriam de adaptar suas metodologias, muitas vezes baseadas no *lecture-based paradigm*, baseado em aulas expositivas e conferências presenciais, para o *blended learning* ou Educação Mista ou Híbrida (CASTIONI; MELO; NASCIMENTO; RAMOS, 2021). Tais mudanças, ainda, evidenciaram problemas já existentes, como a criação de novos protocolos de ensino tecnológico e abandono e evasão de cursos (DONOSO-DIAZ; ITURRIETA; TRAVERSO, 2018 *apud* CASTIONI; MELO; NASCIMENTO; RAMOS, 2021), devido a diversos fatores, como rebaixamento financeiro dos discentes e dificuldades de locomoção devido às restrições de cir-

culação. Os alunos precisavam de alternativas que lhes possibilitassem continuar o ano letivo sem maiores prejuízos.

Outra questão delicada que merece destaque é que, além de adequar as aulas à distância, deveria ser pensada a forma de acesso dos alunos aos meios de comunicação, em destaque, plataformas de bate-papo (*Whatsapp*) e ambiente virtual de aprendizagem (Plataforma *Moodle*). Ainda segundo os autores Castioni, Melo, Nascimento e Ramos (2021), no total de 5.838.851 alunos matriculados em universidades privadas, 94.880 afirmaram ao IBGE não terem nenhum acesso à internet, seja via celular, seja via computador, por banda larga ou 3G/4G. Como se sabe, o mundo tecnológico ainda não é um recurso democrático e para muitos o espaço da sala de aula garantia a única forma de acesso ao ensino. Essa intimidade com as ferramentas tecnológicas nunca foi uma realidade generalizada também entre os docentes.

O ensino superior há anos vem dando sinais de uma necessidade de renovação e implantação de novas tecnologias e metodologias ativas que façam do espaço da sala de aula um lugar de apropriação do conhecimento de forma integral, desenvolvendo a autonomia e a participação dos alunos, para que a figura do professor passe de centralizadora a mediadora do ensino e da aprendizagem, visto que para Vygotsky (2000) o único elemento central é a mediação, capaz de proporcionar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois o ser humano não se relaciona com o mundo de forma direta, mas sim de forma mediada por instrumentos materiais e psicológicos, recursos pouco utilizado no ensino tradicional vigente.

Sem intenção alguma de “advogar para o diabo”, estes apontamentos recebem destaque com o intuito de promover uma reflexão acerca da resistência dos docentes e discentes e o impacto que a pandemia causou por não dar chance de escolha nem o tempo de espera que todos desejam diante de uma nova situação. O poder de adaptação de cada um foi necessário para que as relações escolares não se perdessem diante do caos. Cada qual utilizou de seus recursos internos e externos para traçar uma situação paralela diante de um sistema de “salve-se quem puder”, pois instituições e civis se viram órfãos de qualquer política pública de amparo ou cuidado diante de uma situação de sofrimento globalizado no qual ficou evidente o despreparo dos governos para situações emergenciais. Assim, cada grupo, cada instituição teve que construir saídas para o enfrentamento à pandemia e soluções para situações inesperadas de forma individual.

## 4 DISCUSSÃO

Mudanças eram necessárias, adaptações na forma como as aulas eram ministradas precisavam de inovações em um curto espaço de tempo. A pandemia apenas adiantou uma necessidade que já se fazia presente, pois ainda em 1972, Skinner já afirmava que “[...] uma revisão global das práticas educacionais é tanto possível como inevitável [...]” (SKINNER, 1972, p. 26), e agora os autores encontravam-se em uma situação de muitas dúvidas e poucas respostas. O docente está sempre em processo de formação, a sociedade muda, assim como a maneira de lecionar. Espera-se que o docente, em constante atualização, domine novas técnicas e procedimentos de ensino e aprendizagem, interação e reflexão dos pares (SANTOS;

PEREIRA; MERCADO, 2016). Porém a lacuna era demasiada grande para ser preenchida com urgência.

Assim, foi necessário que os docentes aprendessem a manipular instrumentos digitais para além da aprendizagem, como a plataforma de vídeos *Youtube* - possibilitando, por exemplo, que os vídeos curtos feitos de aplicação dos testes psicológicos, correção, manipulação dos instrumentos, fossem apresentados ao vivo via *Microsoft TEAMS* -, incorrendo na necessidade de preservar imagens e informações acerca dos instrumentos de uso exclusivo do psicólogo. Filmar, editar, legendar, realizar o *upload* dos vídeos no *Youtube* pessoal dos docentes foram atividades aprendidas para possibilitar a manipulação ambiental que favorecesse a aprendizagem dos discentes.

Pinheiro (2020, p. 359) afirmou que, mesmo com jovens digitais, multitarefas, e a necessidade de frequente atualização das professoras e professores, de uma hora para outra, todos tiveram que virar “*youtubers*” sem que houvesse um treinamento adequado para as adaptações necessárias - e que o Ministério da Educação, em conjunto com as secretarias da educação municipais e estaduais, deveriam “[...] preparar e divulgar muito bem como poderiam ser conduzidas as atividades *on-line* [...]”, “[...] porém, sem se prender a regras, mas sim em princípios, como a liberdade de cátedra e equidade, respeitando as limitações técnicas e de acesso dos professores e alunos, sobretudo os mais vulneráveis.” Assim, cada IES determinou o andamento das atividades, alguns com aulas ao vivo, outros com aulas gravadas, atendimento via *WhatsApp* ou plataforma *Moodle*. Leituras guiadas, questionários para avaliação da aula ministrada, exercícios para serem realizados durante a aula ou após a aula, bem como outras atividades que pudessem reduzir os danos para o processo de ensino e aprendizagem que este novo cenário impõe. Todas as atividades se apresentavam enquanto tentativa de acompanhar o processo formativo dos alunos. É bom falarmos brevemente da dificuldade do discente em acessar todas as plataformas, criar todos os *logins* necessários e realizar todas as atividades que fossem cobradas, e do papel do professor e dos coordenadores como ponte entre esse *gap* do mundo presencial e conectado - grupos de *WhatsApp* e uma disponibilidade de 24 horas por dia para possibilitar que os alunos não se perdessem no meio da correnteza.

Os jovens sabem usar a internet enquanto diversão, porém poucos sabiam procurar um artigo científico no *Google* acadêmico. Outro problema encontrado foram alunos incluídos nos 94.880 alunos sem acesso à internet, que, segundo relatos, usavam *wifi* do vizinho ou de comércio próximo de suas residências para poder assistir às aulas ao vivo. Segundo Castioni *et al.* (2021), a exclusão digital tem cor e renda bem definidas: negros, indígenas, dois terços com renda domiciliar *per capita* até um salário mínimo. Estudantes afetados já estão em desvantagens de oportunidades e em condições econômicas e sociais piores - o que pode ser uma fonte de ampliação da desigualdade no futuro (CASTIONI *et al.*, 2021). Evidências anedóticas não servem para fazer pesquisa aplicada, mas, neste singelo relato, o que pôde ser observado foi exatamente isso: os alunos com mais dificuldades de acesso eram aqueles que já apresentavam desvantagens econômicas e sociais junto aos demais.

No ambiente *on-line*, tal necessidade tornou-se mais difícil de ser realizada, em virtude do próprio ambiente virtual. Esperava-se que as tecnologias auxi-

liassem no processo de ensino e aprendizagem, mesmo que fosse à distância, porém Skinner (1972) afirmou que, mesmo com o uso de recursos mecânicos, que poderiam eliminar rotinas mais trabalhosas, não se elimina a necessidade de o professor permanecer em contato com os alunos. Os recursos audiovisuais suplementam as aulas; suprem uma das funções do professor, mas para outra função contribuem pouco ou nada - no intercâmbio produtivo entre o professor e o aluno durante as aulas, evitando que o aluno se torne um mero receptáculo passivo de instrução (SKINNER, 1972).

No ano de 2021, em outra IES, após o retorno dos atendimentos psicológicos presenciais, os alunos retomaram as supervisões clínicas, necessárias para direcionamento de suas práticas profissionais. A saúde mental é linha de frente durante a pandemia, e os supervisores e estagiários estavam atendendo presencialmente. Para evitar aglomerações, respeitar o distanciamento necessário e sanar as necessidades individuais de seus alunos, foi oferecida, além da supervisão presencial, a possibilidade de participar *on-line* via *Google Meet*.

O professor supervisor, além de lidar com as demandas já presentes em grupos de supervisão, haveria de lidar com dois ambientes, um presencial e um virtual, além de dúvidas, incertezas e insatisfações dos discentes. A instituição adequou-se às necessidades vigentes: uma boa banda larga para que pudessem trabalhar simultaneamente professores e alunos sem perder a qualidade de conexão. A conexão via banda larga e humana era imprescindível naquele momento em que os discentes começavam seus primeiros atendimentos psicológicos em uma clínica-escola que apresentava lista de espera, haja vista a procura da população local. Como estabelecer um bom vínculo psicoterapêutico através do equipamento de proteção individual (EPI)? Como estabelecer um bom vínculo, atrás da tela do *Google Meet*? Antes dos atendimentos começarem efetivamente, um pouco de *roleplay* e psicodrama para preparar os alunos emocional e tecnicamente. Mais uma vez, rearranjo de contingências. Demandas. A palavra mais ouvida pelo docente nos anos de 2020 e 2021.

A preocupação daquele que ensina, além de “passar conteúdo”, “ensinar a prática” ou “emitir comportamentos de competências específicas da atuação”, é que esse conhecimento seja construído de forma crítica. No mundo conectado, hoje ainda mais do que antes, aprender a procurar boas referências, usar as ferramentas além do *Tik Tok* e *Instagram*. Mesmo que o docente tenha aprendido a fazer um *reels* no *Instagram* para ensinar um conceito de Análise Experimental do Comportamento, afinal, porque já dito por Skinner (1972), ensinar é rearranjar as contingências ambientais; porém, sempre atentar para não esvaziar o conteúdo por si só.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] não pode ser negada a necessidade de crítica do presente, do capitalismo (e, portanto, a validade de seu aspecto crítico). Não pode ser negada tampouco a necessidade de um projeto de emancipação ou de afirmação dos valores - de dignidade, igualdade, liberdade - que o capitalismo nega. Não pode ser negado, em terceiro lugar, que a realização do projeto, a transformação do presente rumo à futura sociedade, exige um conhecimento de suas possibilidades, caminhos e meios de realização. (VÁZQUEZ, 2002, p. 211).

A produção do conhecimento em tempos de pandemia desafiou os educadores, os gestores, os pais e os alunos. As notícias de que as aulas remotas seriam a única alternativa para que o processo de ensino e aprendizagem não fosse interrompido movimentou, significativamente, todo o universo acadêmico no Brasil. Acompanhamos neste período que a virtualização das modalidades de ensino consolidadas no encontro presencial em sala de aula já não era suficiente para que a forma de transmissão e compartilhamento do conhecimento acontecesse com qualidade. Ou seja, havia uma aposta coletiva no que estava sendo produzido anteriormente. Tais práticas eram suficientes para que a Educação no Ensino Superior, para além de uma demanda de mercado que exige o domínio técnico do fazer, pudesse, sobretudo, formar sujeitos cidadãos capazes de produzir um conhecimento voltado à construção de uma realidade social mais justa e melhor para todos. Entretanto acompanhamos, dentre outras questões políticas e pedagógicas que merecem atenção quando analisamos a forma como o conhecimento vem sendo pensado nas Universidades brasileiras, que o Ensino na modalidade virtual evidenciou fragilidades que pareciam distantes das práticas produzidas pelos educadores e, sobretudo, que não eram vistas ou sequer discutidas. Se havia aulas, trabalhos e discussões presenciais que supriam as demandas e a forma de conduzir o ensino, por que dedicarmos tempo para pensarmos em formas de ensino *on-line*?

Isso significa que as discussões suscitadas para além da pandemia acerca da proposta formativa construída no cotidiano dos estabelecimentos institucionais da Educação representam, em certa medida, processos de precarização das condições do trabalho docente que já faziam parte do cotidiano dos professores. Haja vista as dificuldades encontradas por muitos profissionais no manejo das tecnologias, como também a falta de investimento em recursos tecnológicos nas instituições para que a possibilidade de utilização desta estratégia de ensino virtual não fosse, quase que inesperadamente, inserida pela primeira vez no ambiente acadêmico. Mesmo que a modalidade de Ensino a Distância esteja sendo incorporada à realidade do Ensino superior, ela não é uma realidade para todos os educadores e, tampouco, pode ser considerada como condição de acesso ao ensino para a grande maioria dos alunos.

Há de se pensar que a análise do nosso tempo e, em especial, o contexto da pandemia mudando os rumos da educação no nosso país não sejam entendidos como uma “nova rotina” acadêmica única e exclusivamente porque não podemos ocupar presencialmente o espaço físico das Universidades. Os impactos deste “novo normal”, como vem sendo chamado o período que estamos vivendo, precisa ser melhor e permanentemente discutido. Trata-se de não produzir, sobretudo, novas modalidades de falta de investimento na construção de um processo formativo que está, via de regra, preocupado com as estatísticas quanto às condições de acesso à informação – redes sociais de maneira geral –, mas que, infelizmente, se distanciam das discussões voltadas à qualidade da formação enquanto produção coletiva do conhecimento.

Isto é, não basta que os alunos sejam entendidos como os protagonistas da própria formação como habitualmente passamos a ouvir nesta pandemia e que os professores estariam ultrapassados em suas propostas, pois não sabem lidar com o virtual. Os educadores provaram o contrário e, a duras penas, desempenharam

com maestria suas funções. É preciso que a produção singular do conhecimento não seja entendida enquanto sucesso individual e mérito. A construção do processo formativo atribuído de sentido que ultrapassa o fazer tecnicista, ou mesmo o uso impensado de metodologias ativas como ação central do processo de produção do conhecimento, está relacionado com as possibilidades de construirmos, acima de qualquer coisa, nosso projeto societário de maneira menos desigual. Nesta direção, a educação poderá desempenhar uma função humanitária que tem como princípio ético e político o respeito às diferenças, de forma a valorizar toda e qualquer forma de produção do conhecimento científico para além do negacionismo articulado e dos discursos falsos e manipuladores.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. G.C. Subjetividade, crise e narratividade. *Rev. Mal-Estar Subj.* v. 2 n. 1 Fortaleza, mar. 2002.

CASTIONI, Remi; MELO, Adriana A. S.; NASCIMENTO, Paulo, M.; RAMOS, Daniela L. Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 111, p. 399 - 419, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/53yPKgh7jK4sT8FGsYGn7cg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CAFARDO, Renata. MEC autoriza ensino remoto enquanto durar a pandemia. *Jornal Estado de São Paulo*, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-autoriza-ensino-remoto-enquanto-durar-pandemia,70003546788>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política (Ditos e Escritos, V)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINO, Paul *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 231-250.

MARX, Karl. O processo de produção do capital. In. *O Capital - crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PINHEIRO, Petrilson. Letramento a distância na (e na pós) pandemia. *Revista Linguagem em Foco*, v.12, n.2, 2020. p. 355 - 369. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/3603>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SANCHEZ, A. V. *Filosofia da Práxis*. São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011.

SANTOS, Vera L. M.; PEREIRA, Jasete M. S.; MERCADO, Luís P. L. WhatsApp: um viés online como estratégia didática na formação de profissional de docentes. *Educação Temática Digital*, Campinas, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8637398>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SANTOS, Gabriela B. M. et al. Cuidado de si: trabalhadoras da saúde em tempos de pandemia pela COVID-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, 2020. Disponível em: <10.1590/1981-7746-sol00300>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SKINNER, Frederic B. *Tecnologia do ensino; tradução de Rodolpho Azzi*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

TEIXEIRA, Lara A.; CARVALHO, Wellington R. G. de. SARS-CoV-2 em superfícies: persistência e medidas preventivas - uma revisão sistemática. *Journal Health Npeps*, vol. 5, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/4873/3767>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Organizadores Michael Cole et al. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: 22 jul. 2021.

Aceito em: 8 nov. 2021.